

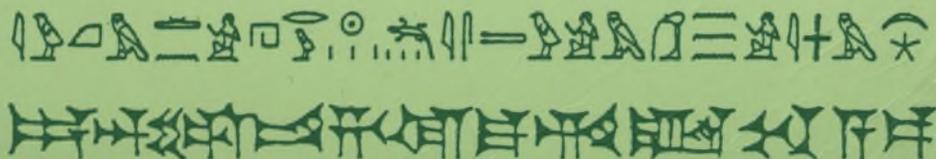
CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

2



E D I C I O E S
C O S M O S



ASPECTOS DO ROTEIRO QUEIROSIANO NO EGÍPTO: EÇA DE QUEIRÓS NA MASTABA DE TI

Por LUÍS MANUEL DE ARAÚJO

*Assistente da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa (Instituto Oriental)*

Resumé

L'Auteur évoque dans cet article le voyage du jeune écrivain Eça de Queirós, âgé de 23 anos, en Égypte (Novembre de 1869 jusqu'aux premiers jours de 1870), notamment dans la vaste région de la nécropole de Sakara, près de l'ancienne Memphis, où il a visité le «temple de Serapis», c'est-à-dire le mastaba du haut fonctionnaire Ti (Ve dynastie).

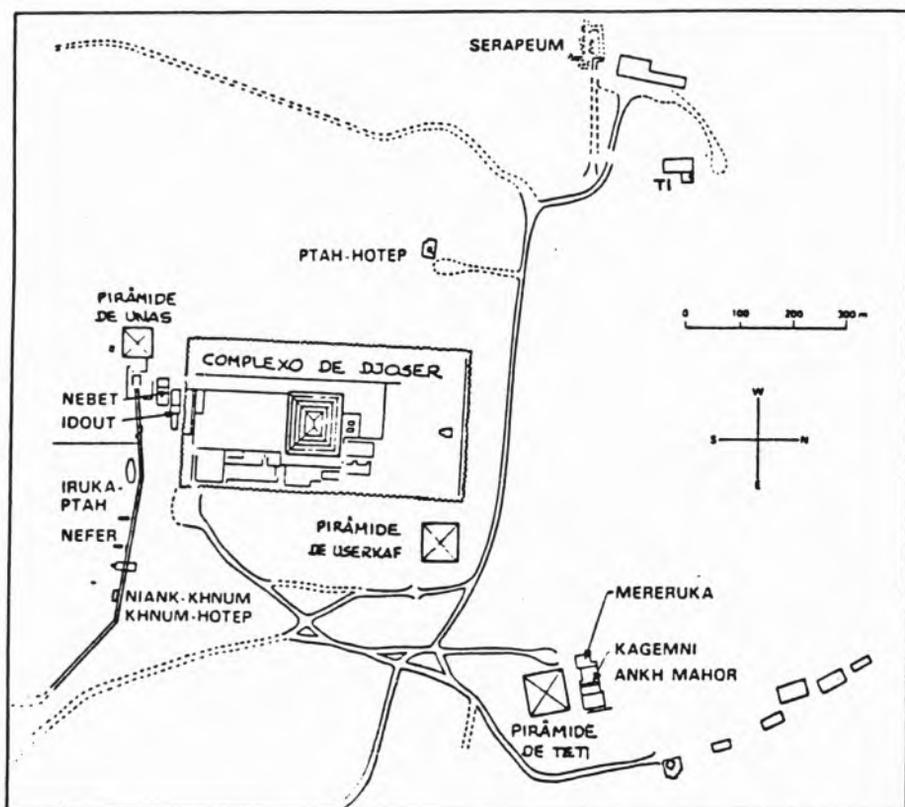
(Página deixada propositadamente em branco)

Quando em 1869 o jovem e promissor bacharel Eça de Queirós visitou o Egito para, acompanhando o conde de Resende, participar nas cerimónias de inauguração do canal de Suez, demorou-se cerca de uma semana ⁽¹⁾ na cidade do Cairo. Aí, instalado (com Théophile Gautier, «le dieu», como era conhecido) ⁽²⁾, no aprazível e requintado «Shepherd's Hotel», o nosso escritor teve a feliz oportunidade de visitar os locais célebres da antiguidade faraónica situados nos arredores da capital egípcia.

Entre as zonas arqueológicas da região caiota destacavam-se então as de Heliópolis, de Guiza, de Mênfis e de Sakara, para só mencionar os vestígios do passado faraónico (ele percorreu também os lugares históricos do Egito islâmico). Na inseparável companhia do conde de Resende, Eça esteve em Heliópolis para apreciar o obelisco de Senuseret I ⁽³⁾, em Guiza deteve-se ante as milenares e apelativas pirâmides de Khufu, Khafré e Menkauré (faraós cujos nomes são também conhecidos nas suas versões gregas de Quéops, Quéfren e Miquerinos), desiludiu-se por entre as ruínas da antiga Mênfis, mas teve bastante para ver na zona de Sakara ⁽⁴⁾.

Na sua passagem por Sakara, gigantesca necrópole do Egito faraónico (os muitos túmulos lá existentes vão desde a emergência da civilização egípcia até ao tardio período greco-romano, cobrindo mais de três mil anos) ⁽⁵⁾, o nosso interessado bacharel pôde contemplar as ruínas do imenso complexo funerário do Hórus Netjerirkhet Djoser ⁽⁶⁾, nomeadamente a sua característica pirâmide escalonada erigida sob a direcção de Imhotep. Pegando no caderno de apontamentos registou:

«Tudo — a extensão das ruínas, os montículos, os destroços de pedras, as ondulações da areia — tem um resplendor metálico, áspero, hostil. Há no chão um olhar inimigo: na areia, os árabes mos-



A região arqueológica de Sakara, visitada por Eça de Queirós (7)

tram as pegadas dos chacais e das hienas. Vemos de passagem pequenas pirâmides, túmulos humildes. Vamos em busca do cemitério dos bois Ápis, no tempo de Serápis.» (8)

As «pequenas pirâmides» vislumbradas por Eça seriam as de Unas, Teti e Userkaf (9), ficando os túmulos dos dois últimos referidos monarcas no caminho para o Serapeum, «o cemitério dos bois Ápis». Quanto aos «túmulos humildes», muitos se espalham pela zona, desde as mastabas do Império Antigo aos poços da época persa e ptolomaica (10).

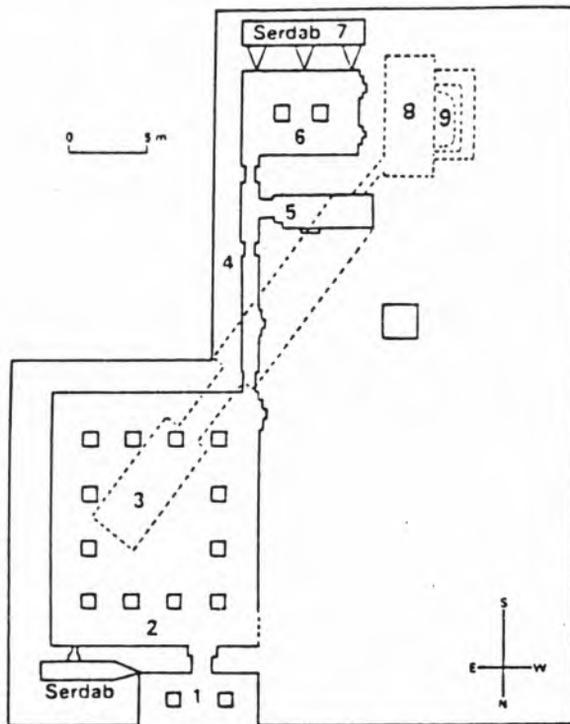
A palavra mastaba, de origem árabe, tem o significado de «banco» e alude às construções tumulares típicas do Império Antigo, em tijolo ou em pedra, as quais, nas suas rectilíneas formas genéricas, apresentam o aspecto de um banco. A expressão não é utilizada por Eça de Queirós nas suas notas de viagem, porque certamente a desco-

nhecia. No percurso de cerca de um quilómetro desde o complexo funerário com a pirâmide escalonada de Netjerirkhet Djoser até ao Serapeum ele passou por importantes mastabas (de Mereruka e Ptah-hotep, por exemplo), mas a elas não se refere expressamente: interessava-lhe alcançar, seguindo para oeste, o Serapeum, catacumbas de inumação dos bois Ápis, e, nas imediações, o «templo de Serápis» (11)

O «templo de Serápis»: a mastaba de Ti

«O templo de Serápis, além do seu valor histórico, contém toda a lenda da vida íntima do antigo Egipto» (12) — desta forma se refere Eça, equivocadamente, à grande mastaba de Ti, alto funcionário que viveu na época da V dinastia (cerca de 2400 antes da nossa era). A mastaba foi encontrada por Auguste Mariette em 1865, durante os trabalhos que o esforçado egiptólogo francês levou a cabo em Sakara para tentar descobrir a localização do Serapeum. Depois de ter sido desentulhado por Mariette o túmulo foi posteriormente restaurado pelo Departamento de Antiguidades do Egipto, e hoje a grande mastaba de Ti é ponto de visita obrigatória para quem deseje conhecer os vestígios do Império Antigo existentes na região sakariana. O alto funcionário Ti lá está em grande pose, várias vezes repetido pelas paredes tumulares, acompanhado por textos hieroglíficos que evocam os seus importantes e sonoros títulos, alguns dos quais surgem logo nos pilares da entrada: «superintendente das pirâmides e templos solares de Abusir, chefe dos trabalhos do rei, escriba real e chanceler» (*imirá kat nesu, sech nesu, sedjauti*). Nas paredes do corredor e salas outros títulos são apresentados, entre os quais os de «conhecido do rei» (*rekh nesu*), «amigo único» (*semer uati*) e «mestre dos segredos» (*imi sechta*). A sua alta posição na corte justificaria o seu casamento com a princesa Neferhetepes, a qual surge também nos relevos da mastaba, acompanhada pelo filho de ambos, Demedj (13). O túmulo de Ti, que é um dos maiores da necrópole de Sakara, possui um dos mais belos conjuntos de baixos-relevos das mastabas sakarianas: «Nuns ligeiros baixos-relevos desdobra-se pelas paredes, paralelamente, toda a revelação do antigo Egipto doméstico» (14) — e logo pela temática aqui aflorada se poderia concluir que o local nunca poderia ser um templo. Mas Eça de Queirós não era egiptólogo, e muito menos o eram os «cicerones» que o acompanhavam e que o induziram no erro (15).

Entremos pois, com Eça, na grande mastaba de Ti, seguindo a planta que se junta a este texto, para recriarmos a visita feita naquele dia de Novembro de 1869.



PLANTA DA GRANDE MASTABA DE TI (SAKARA NORTE) (16)

- 1 — Entrada antecedida por dois pilares quadrangulares.
- 2 — Pátio hipostilo com doze pilares quadrangulares; no canto a norte encontra-se a ranhura que dá para um *serdab*.
- 3 — Entrada com escadaria, feita na própria rocha, que conduz ao corredor da cripta, o qual atravessa a mastaba numa diagonal subterrânea (a qual não está acessível às visitas do público).
- 4 — Corredor que liga o pátio hipostilo à câmara pequena (armazém ou sala das oferendas) e à câmara grande (capela).
- 5 — Câmara pequena (sala das oferendas).
- 6 — Câmara grande (capela).
- 7 — Grande *serdab*, com três ranhuras dando para a capela.
- 8 — Antecâmara da cripta (sem qualquer tipo de decoração).
- 9 — Cripta com o sarcófago de Ti, o qual ocupa todo o nicho cavado na rocha, e que seria encontrado vazio por Mariette.

A entrada da maciça construção de pedra é antecedida por dois pilares quadrangulares, também eles decorados com baixos-relevos e inscrições que em parte já desapareceram (17). Foi algures perto deste local que Eça e os seus companheiros de visita a Sakara almoçaram prosaicamente «frango frio, *Bordeaux* e *soda water*» (18).

As notas de Eça não fazem qualquer alusão ao pequeno pátio hipostilo com os seus doze pilares nem à entrada para o corredor subterrâneo que dá acesso à cripta do sarcófago. Também não referem a decoração desta parte da mastaba, a qual está bastante danificada, nem o pequeno compartimento fechado conhecido pelo nome de *serdab* (local onde habitualmente se colocavam as estátuas do defunto que assim, através de uma fenda na parede, poderia «ver» quem ia ao túmulo para levar alimentos). (19)

Do canto sudoeste do pequeno pátio hipostilo parte um estreito corredor que comunica com duas câmaras separadas. As paredes do corredor apresentam baixos-relevos em melhor estado de conservação que os do pátio; nalguns deles as cores estão ainda bem vivas, sendo a temática variada: servos transportando oferendas, abate e desmembramento de bovinos, cenas de navegação e pescaria, etc. Tal como os relevos do pátio, também estes não são especificamente referidos por Eça (20).

Quase no final do corredor os visitantes viraram à direita e entraram numa pequena câmara, a chamada sala das oferendas, cuja decoração, ainda em relativo bom estado, mostra o beneficiário do túmulo a receber flores e alimentos de um grupo bem alinhado de servidores, variados produtos alimentares, líquidos e sólidos, que os escribas meticulosamente registam, vendo-se também recipientes de diferentes formatos.

Foi sem dúvida a câmara maior da mastaba, conhecida pelo nome de capela, expressão sintetizada de «câmara de culto» (21), ou «câmara sacrificial» (22), que mais interessou a Eça: as alusões específicas às cenas representadas nas paredes da capela constam, com maior ou menor detalhe, das suas notas. A câmara está excelentemente decorada, com as cores originais ainda visíveis em alguns dos relevos.

O nosso turista registou aspectos relacionados com a fisionomia e a anatomia das figuras humanas representadas, com as cenas agrícolas e piscatórias, as actividades domésticas, a construção naval (23). Mas para além da descrição dos animados quadros murais algumas frases das notas dão-nos bem a medida do elevado pensamento de Eça de Queirós não apenas em relação às imagens do

chamado «templo de Serápis» como também ao conceito que ele forjara da velha civilização faraónica:

- «É por toda a parte a efervescência da vida, o sentimento do trabalho, a paz, a felicidade, a família.» (24)
- «Não se vêem armas nem lutas, apenas cenas de vida pura e de intimidade.» (25)
- «Tudo isto tem uma harmonia divina: sente-se o povo forte, trabalhador, casto, activo e educado, que criou pelas austeras virtudes uma civilização inesperada.» (26)

Enfim:

- «Todo o antigo Egipto, com a sua alta civilização, está ali.» (27)

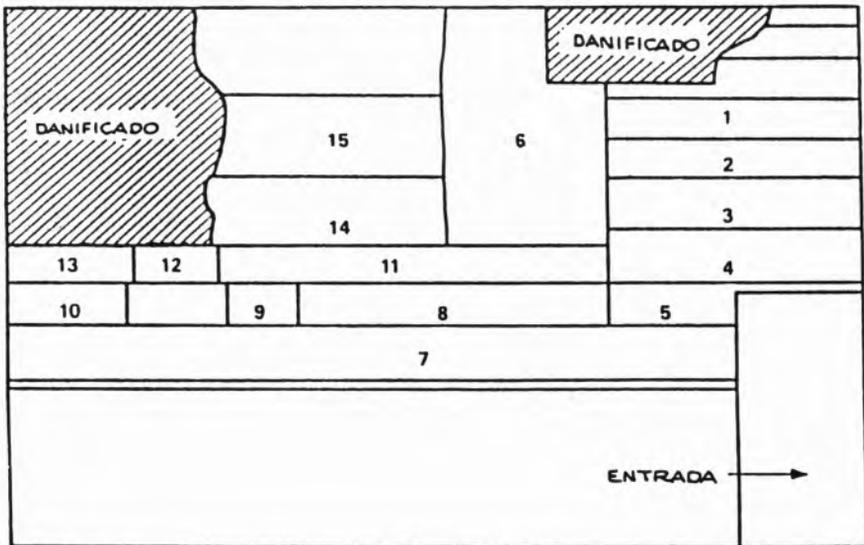
Se compulsarmos as impressões queirosianas registadas nas notas de viagem poderemos reter as precípuas ideias de paz, felicidade, harmonia, vida pura, que são manifestações da solidariedade humana e da harmonia cósmica e divina a que Eça alude. Para essa harmonia divina feita de justiça, verdade e equilíbrio, tinham os antigos Egípcios uma palavra: *maet* (28). E este conceito, personificado na deusa Maet, é uma das bases para melhor podermos compreender a milenar civilização faraónica impregnada de um peculiar tipo de humanismo que não pode deixar de ser devidamente apreciado. E Eça, perspicazmente, detectou-o nas paredes do túmulo de Ti, um túmulo entre milhares de outros do velho Egipto do Império Antigo, despojados de cenas de violência, onde os defuntos, esgotado o tempo desta vida, jornadeavam para uma outra que eles julgavam ser melhor e onde continuariam a viver sob a protecção do monarca osirificado e solarizado. Ao decorar magnificamente as mastabas estavam a petrificar a vida, a eternizá-la, a cantar liticamente «o trabalho, a paz, a felicidade, a família», dizendo na pedra aquilo que mais tarde diriam (quando séculos depois a osirificação ficou ao alcance dos funcionários) no tribunal osiriaco-maético do julgamento dos mortos: «Eu nunca fiz mal a ninguém!»

Não vamos aqui repetir a apreciação que já fizemos, em anterior trabalho, à forma como Eça descreveu a rica decoração mural do espaço arquitectónico que ele julgava ser, erradamente, o «templo de Serápis» (29). Ele nunca poderia, afinal, ter imaginado estar dentro de um túmulo: de facto, não há, na variada temática decorativa da mastaba de Ti (tal como nas outras dessa época), qualquer

cena relacionada com a morte ou o sepultamento do seu proprietário, que ali fruía o conforto, a tranquilidade perene da sua «casa de eternidade» (*per djet*). E se Eça ficou impressionado com as imagens que viu naquilo que pensava ser um templo sem referências tanatógrafas, prenhe de «cenas de vida pura e de intimidade», o que não sentiria o mestre se soubesse estar dentro de um túmulo que afinal, tão maeticamente, exaltava a vida.

Os baixos-relevos da mastaba

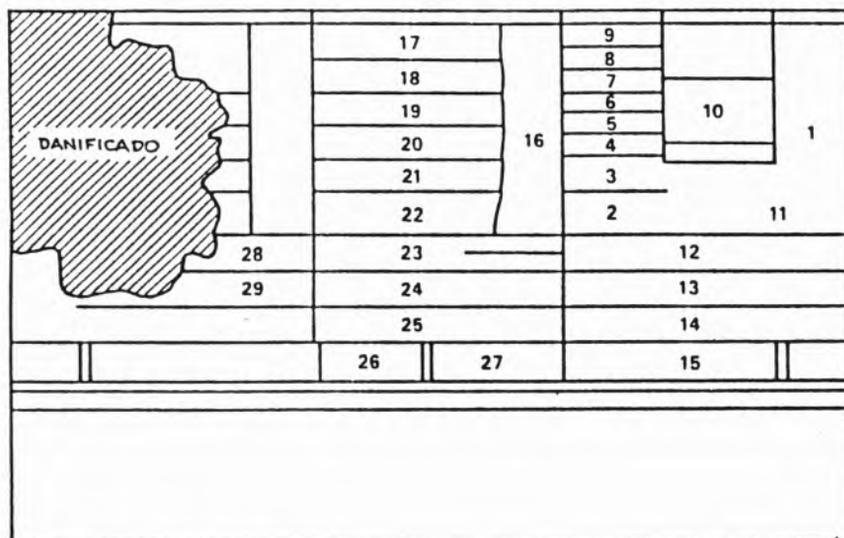
Passemos finalmente à descrição dos baixos-relevos que decoram as paredes da capela da mastaba de Ti. As cenas mencionadas por Eça de Queirós assinalam-se com * no caso de uma alusão genérica e com ** no caso de uma alusão específica.



Parede norte da capela:

- * 1 — Luta náutica: barqueiros nus, postados em frágeis barcos de papiro, tentam empurrar-se uns aos outros com grandes varas.
- * 2 — Cena de pescaria: os peixes são apanhados com a utilização de nassas.
- 3 — Cena agrícola: camponeses lavram a terra, enquanto outros se ocupam da ordenha.
- 4 — Cena agrícola: as sementes de trigo lançadas à terra são depois pisadas por um rebanho de caprinos.

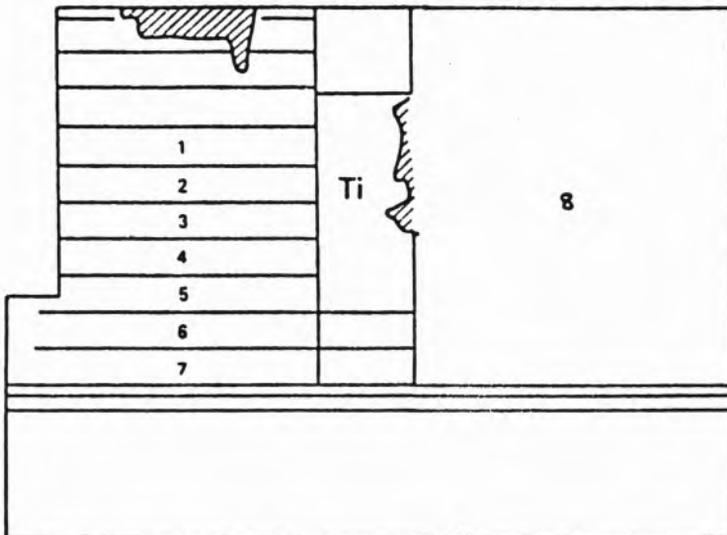
- ** 5 — Manada de bovinos atravessando um canal, com os pastores seguindo num barco de papiro; um pastor leva às costas um vitelo que se volta, ansioso, para a mãe que o segue.
- * 6 — Imagem de Ti, em tamanho superior, seguindo num barco que desliza por entre os papiros, assistindo a uma caçada ao hipopótamo; mais afastado, um pescador num pequeno barco mata um peixe com uma cacetada.
- ** 7 — Procissão de mulheres personificando os vários domínios de Ti, cada uma delas com diversos produtos agrícolas (as oferendas para o senhor das terras e do túmulo).
- * 8 — Manada de bois atravessando um canal, enquanto os pastores seguem em barcos de papiro; perto o crocodilo espreita.
- 9 — Mulheres a tecer o linho, manejando os fusos com destreza.
- 10 — Os animais de estimação de Ti (um galgo e um macaco) conduzidos animadamente por um anão e um corcunda.
- 11 — Uma vaca dá à luz um vitelo, ajudada por um pastor, enquanto outra é ordenhada.
- 12 — Camponeses transportam diversos objectos de mobiliário.
- 13 — Escribas com os respectivos apetrechos.
- * 14 — Cena de pescaria: os peixes são capturados com uma rede puxada por vários homens. Ti e sua esposa assistem à cena.
- * 15 — Ti na caça às aves aquáticas; as que foram capturadas são guardadas em caixas.



Parade sul da capela:

- 1 — Ti sentado perante um altar de oferendas (em forma de signo *hotep*).
- 2 e 3 — Servos transportando oferendas para Ti: frutos, vegetais, aves, nacos de carne, bolos, vinho e cerveja.

- 4 a 9 — Muitas e variadas oferendas destinadas a Ti.
- 10 — Registo central discriminando em hieróglifos os diversos produtos oferecidos.
- 11 — Um grupo de músicos toca para o defunto, com harpa e flauta, acompanhando cantoras e dançarinas.
- 12 a 15 — Magarefes em acção: cenas de abate e esquartejamento de bovinos.
- 16 — Imagem de Ti, em grande dimensão, de pé, com a esposa sentada atrás dele.
- 17 a 20 — Revista do gado: camponeses trazem gazelas perante Ti.
- ** 21 e 22 — Revista do gado: camponeses trazem bois de grande cornamenta perante Ti.
- 23 — Cena de tribunal: escribas registando o pagamento das taxas; alguns camponeses são introduzidos na sala de audiência, conduzidos por funcionários.
- * 24 e 25 — Bois destinados a serem sacrificados no templo: um deles está adornado com colares.
- 26 — Cena de criação de aves domésticas.
- 27 — Criação de grou (a imagem demonstra que os Egípcios no Império Antigo tentaram domesticar estas aves).
- 28 — Ferreiros atijando o lume nos cadinhos e vazando o metal fundido; outros forjam na bigorna.
- 29 — Escultores fazem estátuas de pedra; vêem-se igualmente fabricantes de vasos de pedra.



Parede oriental da capela:

- * 1 e 2 — Cenas agrícolas: o trigo e a cevada são ceifados; uma cantora e uma flautista alegam a faina.

- 3 — O cereal ceifado é atado em grandes molhos e carregado no dorso dos burros.
- 4 — Os burros seguem com o carregamento em direcção ao celeiro.
- 5 — Os sacos são descarregados dos burros e seguidamente empilhados na eira.
- 6 — Bois e burros pisam o cereal na eira, o qual é depois separado por camponeses que usam forquilhas.
- ** 7 — Mulheres joeiram o grão, separando-o do joio; outra mulher vai colocando o grão em sacos.
- ** 8 — Cenas de construção naval: carpinteiros constroem barcos em madeira. As imagens mostram a selecção das tábuas ideais para o casco, o seu encaixe e ajuste, utilizando os carpinteiros maços, cinzéis, furadores, serras e machados (esta secção da parede oriental está muito danificada, mas a área com as imagens dedicadas à construção naval encontra-se em excelente estado de conservação).

Notas

Nota prévia: O presente texto foi apresentado, de forma mais sucinta, durante o 2.º Encontro Internacional de Queirozianos, organizado pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1 a 3 de Julho de 1992). O texto foi acompanhado pela projecção dos seguintes diapositivos, procurando ilustrar frases de Eça:

- A — Pirâmide escalonada de Sakara (complexo funerário do Hórus Netjerirkhet Djoser): «Chega-se a Sakara. A areia é lívida e estéril, a pedra parece cal solidificada e tudo aquilo tem ao sol um brilho branco e desolado.»
- B — Pirâmides arruinadas de Unas e Teti: «Vemos de passagem pequenas pirâmides, túmulos humildes.»
- C — Aspecto de uma galeria do Serapeum: «Os cemitérios dos Ápis são grandes galerias subterrâneas, flanqueadas de capelas funerárias inferiores ao chão da galeria, onde assentam sarcófagos imensos.»
- D — Esquema genérico de uma mastaba.
- E — Planta esquemática da mastaba de Ti (o «templo de Serápis»); entrada para o corredor subterrâneo que conduz à câmara funerária; estátua de Ti na penumbra do *serdab*:
«O templo de Serápis, além do seu valor histórico, contém toda a lenda da vida íntima do antigo Egipto.»
- F — Cena de criação de grou e transporte de cereal: «Nuns ligeiros baixos-relevos, desdobra-se pelas paredes, paralelamente, toda a revelação do antigo Egipto doméstico.»
- G — Carpinteiros a trabalhar, dando os últimos retoques numa cama: «As figuras parecem cinzeladas por um modelo único: olhos grandes, fugindo leve-

mente para a testa, nariz grosso e violento, beiços sensuais, com uma expressão de desdém alegre; os membros são delgados, os ombros largos, os pés chatos. Todas as figuras estão nuas, com uma cinta larga que lhes desce até aos joelhos.»

- H — Barqueiros numa animada caçada ao hipopótamo: «Há movimento, sentimento, na disposição destas figuras esguias e hieráticas.»
- I — Cenas de pastorícia: «Umhas figuras conduzem um rebanho de bois de enormes pontas.»
- J — Cena de construção naval: «Outras constroem barcos.»
- L — Mulheres com vestidos de alças, personificando os vários domínios de Ti, trazendo oferendas para o defunto: «Uma longa procissão de mulheres adianta-se, todas com um cesto à cabeça, sustentando-o com a mão: levam aves, frutas, legumes.»
- M — Cenas nilóticas representando a pesca e a travessia do gado bovino através dos canais:
«Na maior parte dos baixos-relevos aparece o Nilo, pintado de verde, navegado por pescadores, atravessado por bois.»
- N — Cena de mercado, com a venda de varas: «É por toda a parte a efervescência da vida, o sentimento do trabalho, a paz, a felicidade, a família. Nenhuma ociosidade: os novos trabalham, os velhos, encostados aos cajados, observam, dão o exemplo e aconselham.»
- O — Escribas registando o pagamento das taxas e cena de captura de aves: «Todo o antigo Egipto, com a sua alta civilização está ali. É aquele o verdadeiro templo, onde as pinturas são o trabalho, a família, a propriedade, a harmonia.»

(1) De acordo com os dados compilados pelo filho primogénito de Eça, este teria saído de Lisboa a 23 de Outubro de 1869, com desembarque em Alexandria a 5 de Novembro. Seguiu depois para o Cairo, voltou a Alexandria, e no dia 16 daqui partiu, a bordo do «Fayum», para Port Said, à entrada do canal de Suez, que seria inaugurado solenemente à navegação internacional a 17 de Novembro. Ver a Introdução de Eça Filho à obra póstuma *O Egipto. Notas de Viagem* (utilizámos a edição de «Livros do Brasil», Lisboa, s/d. pp. 10-11).

(2) Théophile Gautier ocupava no «Shepherd's Hotel» do Cairo o quarto número dois: era, portanto, «le deux», mas um criado egípcio do hotel, pronunciando defeituosamente, dera a entender a Eça que se tratava de «le dieu» (ver *A Correspondência de Fradique Mendes*, Edição «Livros do Brasil», Lisboa, s/d, pp. 36-41; cf. Luís Manuel de ARAÚJO, *Eça de Queirós e o Egipto Faraónico*, Editorial Comunicação, Lisboa, 1987, p. 107).

(3) Datado de cerca de 1950 antes da nossa era, o obelisco de Senuseret I (também conhecido pelo seu nome grego de Sesóstris I) é o derradeiro e único vestígio do grande templo de Ré em Iunu (Heliópolis).

(4) Sakara é a maior zona tumular do Egípto faraónico, com uma extensão que quase alcança os oito quilómetros e uma largura média de um quilómetro; as escavações ainda hoje prosseguem na região.

(5) Ver, entre outros, John BAINES e Jaromir MÁLEK, *Atlas of Ancient Egypt*, Phaidon Press Ltd., Oxford, 1981, pp. 142-151, e Jill KAMIL, *Sakkara, A Guide to the Necropolis of Sakkara and the site of Memphis*, Longman, Londres, Nova Iorque, 1984.

(6) O Hórus Netjerirkhet Djoser (conhecido também pelo seu nome de Djoser, se bem que esta forma onomástica não esteja documentada na época em que viveu) reinou na III dinastia (cerca de 2650 antes da nossa era).

(7) Mapa esquemático adaptado de Jill KAMIL, *o. c.* (nas guardas da capa e da contracapa).

(8) In *O Egípto. Notas de Viagem*, pp. 191-192.

(9) O faraó Userkaf, fundador da V dinastia, viveu cerca de 2480 a 2440 antes da nossa era, enquanto o faraó Teti, fundador da VI dinastia, reinou aproximadamente entre 2330 e 2330 antes da nossa era. Quanto à pirâmide de Unas, ela estaria, aparentemente, afastada do percurso de Eça; essa pirâmide, apesar de exteriormente apresentar um aspecto arruinado, contém no seu interior os famosos «Textos das Pirâmides», descobertos alguns anos depois da passagem do nosso escritor por Sakara.

(10) Eça não se refere nas suas notas aos túmulos em forma de profundos poços, datados das épocas saíta, persa e ptolomaica, que existem em Sakara (ver Luís Manuel de ARAÚJO, *o. c.*, p. 195, nota 9).

(11) Aquilo que poderia ter sido o templo de Serápis resume-se actualmente a umas inexpressivas ruínas perto da entrada do Serapeum. A mastaba de Ti, que Eça confundiu com o mencionado templo, fica mais para sul (cf. o mapa incluído neste trabalho). Quanto à divindade sincrética conhecida pelo nome de Serápis, resulta de uma tentativa dos soberanos ptolomaicos de origem greco-macedónica (que reinaram no Egípto entre 305 e 30 antes da nossa era) em implantar o culto de um novo deus resultante da junção de Osíris e de Ápis, o sagrado boi venerado em Mênfis como arauto de Ptah (ver, entre outros, George HART, *A Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses*, Routledge & Kegan Paul, Londres, Nova Iorque, 1986, pp. 189-191).

(12) *O Egípto. Notas de Viagem*, p. 192.

(13) Ver Jill KAMIL, *o. c.*, cf. pp. 102-105; Luís Manuel de ARAÚJO, *o. c.* pp. 187 e 196, nota 13.

(14) *O Egípto. Notas de Viagem*, p. 12.

(15) Ver Luís Manuel de ARAÚJO, *o. c.*, p. 187.

(16) In Jill KAMIL, *o. c.*, p. 103. Outras plantas da mastaba de Ti poderão ser observadas também em François DAUMAS, *La Civilización del Egípto Faraónico*, Col. Las Grandes Civilizaciones, Editorial Juventud, SA, Barcelona, 1972, p. 618 e em Jean LECLANT (dir.), *Les Pharaons. Le Temps des Pyramides*, Éditions Gallimard, Paris, 1978, p. 313, grav. 404.

(17) A progressão e a descrição dos baixos-relevos da mastaba de Ti devem-se, fundamentalmente, a observações pessoais realizadas no próprio local por três vezes (1984-1985), a que se junta nova visita feita em 1988. Como precioso elemento de apoio para a descrição utilizámos o texto minudente e bem ordenado de Jill KAMIL, *o. c.*, pp. 105-118 (de quem aproveitámos também os esquemas da distribuição das imagens na capela da mastaba para os reproduzirmos no Apêndice). Como proveitoso e complementar elemento de consulta servimo-nos de Joseph WIESNER, *Egipto*, Col. Ars Mundi, Editorial Verbo, Lisboa, 1971, pp. 98-105.

(18) In *O Egipto. Notas de Viagem*, p. 192. Como assinala Eça, a refeição foi tomada «à entrada do templo de Serápis».

(19) Cf. *O Egipto. Notas de Viagem*, pp. 192-193.

(20) *Ibidem*.

(21) Designação utilizada por Joseph Wiesner, *o. c.*, pp. 98 e 103; mas também surge a expressão «câmara ritual» aludindo à capela (p. 98). A verdade é que nesse compartimento existia um altar postado em frente de duas reentrâncias situadas na parede ocidental, imitando portas: eram as típicas portas falsas, por onde o *ka* do defunto (um princípio imaterial correspondente à força vital e sexual, por vezes erradamente traduzido por «alma» ou «espírito») podia transitar entre este mundo e o outro.

(22) Forma utilizada por Jill KAMIL, *o. c.*, p. 108: «the sacrificial chamber».

(23) Ver *O Egipto. Notas de Viagem*, pp. 192-193.

(24) In *O Egipto. Notas de Viagem*, p. 193.

(25) *Ibidem*.

(26) *Ibidem*.

(27) *Ibidem*.

(28) Ver Luís Manuel de ARAÚJO, *o. c.*, pp. 28-31, e sobretudo Jan Assmann, *Maât, l'Egypte Pharaonique et l'Idée de Justice Sociale*, Conférences, essais et leçons du Collège de France, Ed. Julliard, Paris, 1989.

(29) *Id.*, pp. 187-190.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Luís Manuel de ARAÚJO, *Eça de Queirós e o Egipto Faraónico*, Editorial Comunicação, Lisboa, 1987.

John BAINES e Jaromir MÁLEK, *Atlas of Ancient Egypt*, Phaidon Press Ltd., Oxford, 1981.

Jan ASSMAN, *Maât, l'Egypte Pharaonique et l'Idée de Justice Sociale*, Conférences, essais et leçons du Collège de France, Ed. Julliard, Paris, 1989.

- François DAUMAS, *La Civilización del Egipto Faraónico*, Col. Las Grandes Civilizaciones, Editorial Juventud, SA, Barcelona, 1972.
- W. V. DAVIES, A. el-KHOULI, A. B. LLOYD e A. J. SPENCER, *Saqqâra Tombs*, I, Egypt Exploration Society, Londres, 1984.
- EÇA DE QUEIRÓS, *A Correspondência de Fradique Mendes*, Edição «Livros do Brasil», Lisboa, s/d.
- EÇA DE QUEIRÓS, *O Egipto. Notas de Viagem*, Edição «Livros do Brasil», Lisboa, s/d.
- Jean-Jacques FAUVEL, Dimitri MEEKS, Christine FAVARD e Alain FOUQUET, *Égypte, le Nil Égyptien et Soudanais du Delta à Khartoum*, 2.^a ed., Les Guides Bleus, Hachette, Paris, 1982.
- George HART, *A Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses*, Routledge & Kegan Paul, Londres, Nova Iorque, 1986.
- Jill KAMIL, *Sakkara. A Guide to the Necropolis of Sakkara and the site of Memphis*, Longman, Londres, Nova Iorque, 1984.
- Hermann KEES, *Ancient Egypt: A Cultural Topography*, The University of Chicago Press, Chicago, Londres, 1977.
- Jean LECLANT (dir.), *Les Pharaons. Le Temps des Pyramides*, Col. L'Univers des Formes, Éditions Gallimard, Paris, 1978.
- Joseph WIESNER, *Egipto*, Col. Ars Mundi, Editorial Verbo, Lisboa, 1971.